

CONHECIMENTO DE GESTORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE ACELERAÇÃO PARA ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

CONOCIMIENTO DE GESTORES DE LA EDUCACIÓN INFANTIL SOBRE ACELERACIÓN PARA ALUMNOS CON ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTACIÓN

PRESCHOOL MANAGERS' KNOWLEDGE ON HOW TO BOOST GIFTED STUDENTS

Paula Paulino BRAZ¹
Rosemeire de Araújo RANGNI²

RESUMO: A aceleração é uma prática educacional que objetiva adequar o nível de conhecimento do aluno com altas habilidades/superdotação a um contexto curricular ajustado à suas necessidades. Assim, sugere-se que educadores estejam capacitados sobre a temática de altas habilidades/superdotação para o apoio pedagógico. O presente estudo teve o objetivo principal de verificar e analisar a existência de conhecimento de gestores de escolas de educação infantil sobre a aceleração de alunos com altas habilidades/superdotação. Como objetivos específicos: a) verificar se os gestores conhecem as modalidades de aceleração para alunos com altas habilidades/superdotação; e b) averiguar se os gestores demonstram-se favoráveis ou não quanto à aceleração. Tratou-se de uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo, que fez uso do questionário para a coleta de dados. Os resultados apontaram uma visão limitada dos gestores participantes sobre a temática de altas habilidades/superdotação e escasso conhecimento sobre a aceleração como forma de atendimento especializado para esse público.

PALAVRAS-CHAVE: Aceleração. Altas habilidades/superdotação. Educação infantil.

RESUMEN: *La aceleración es una práctica educacional que objetiva adecuar el nivel de conocimiento del alumno con altas habilidades/superdotación a un contexto curricular ajustado a sus necesidades. Así, la sugerencia es que los educadores estén capacitados sobre la temática de altas habilidades/superdotación para el soporte pedagógico. El presente estudio tuvo el objetivo principal de verificar y analizar la existencia de conocimiento de gestores de escuelas de educación infantil sobre la aceleración de alumnos con altas habilidades/superdotación. Como objetivos específicos: a) verificar si los gestores conocen las modalidades de aceleración para alumnos con altas habilidades/superdotación; y b) verificar si los gestores demuestran ser favorables o no en cuanto a la aceleración. Esta investigación fue descriptiva y cualitativa, hice uso del cuestionario para obtención de datos. Los resultados señalaron una visión limitada de los gestores participantes sobre la temática de las altas habilidades/superdotación y escaso conocimiento sobre la aceleración como forma de atendimento especializado para ese público.*

¹ Universidade Federal de São Carlos – (UFSCar), São Carlos – SP – Brasil. Graduanda em Licenciatura em Educação Especial. Departamento de Psicologia. ORCID: <0000-0002-1571-5944>. E-mail: pp.braz@uol.com.br

² Universidade Federal de São Carlos – (UFSCar), São Carlos – SP – Brasil. Professor Adjunto 4. Departamento de Psicologia. ORCID: <0000-0002-8752-9745>. E-mail: rose.rangni@uol.com.br

PALABRAS CLAVE: *Aceleración. Altas habilidades/superdotación. Educación infantil.*

ABSTRACT: *The acceleration is an educational practice that aims to adapt the level of gifted students' knowledge to adjust curricular content to his needs. This way, it is suggested that educators are versed about the theme of giftedness for pedagogical support. This present study had the main aim to verify and analyze the existence of education managers' knowledge at child education about acceleration of gifted students. As specific aims: a) to verify if the managers know the types of acceleration for gifted students; and, b) to investigate if the managers are favorable or not to acceleration. The research was descriptive and qualitative, and applied questionnaires to collect the data. The results indicated a limited vision of the education managers about giftedness and scarce knowledge about acceleration as specialized service for gifted students.*

KEYWORDS: *Acceleration. Giftedness. Child education.*

Introdução

O conceito de altas habilidades/superdotação³ é muitas vezes atrelado apenas à inteligência. E de fato, durante muito tempo pensou-se dessa forma. Entretanto, esse conceito sofreu significativas modificações em decorrência dos estudos na área da cognição (ALENCAR; FLEITH, 2001). Atualmente, ele não está relacionado somente à inteligência, mas, às relações estabelecidas entre a criança com altas habilidades/superdotação e sua interação com o meio social caracterizada pelo seu desempenho em habilidades sociais, criatividade, liderança, personalidade e motivação (POCINHO, 2009).

Consideram-se alunos com altas habilidades/superdotação no contexto legal brasileiro aqueles com elevado potencial em uma ou mais áreas do conhecimento (intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes) que pode apresentar-se de forma isolada ou combinada, consonantes com grande criatividade e envolvimento com a tarefa nas áreas de seu interesse (BRASIL, 2008).

Este estudo tem o respaldo conceitual no Modelo dos Três Anéis do teórico Joseph S. Renzulli (2004; 2014a; 2014b). De acordo com esse estudioso (2004; 2014a; 2014b) o comportamento superdotado (termo utilizado em traduções do inglês *giftedness*) é resultado da interação entre a habilidade acima da média, o comprometimento com a tarefa e a criatividade, além da relação desses três conjuntos com as áreas gerais e específicas do desempenho humano.

³ Este estudo adota a terminologia “altas habilidades/superdotação”, de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) e as terminologias usadas por autores e documentos oficiais serão mantidas.

Para o autor, alunos que apresentem a interação entre os três grupos requerem oportunidades educacionais diferenciadas. Dessa forma, a instituição de ensino deve dispor de recursos e encorajamento além do que é oferecido em um programa educacional regular.

No que tange à aceleração, como forma de atendimento, trata-se de “um conceito definido pela Educação Especial para compatibilização da vida escolar com produção mental, independentemente da idade, para alunos mais capazes que vencem rapidamente o conteúdo curricular” (GUENTHER, 2009, p. 282). Em outras palavras, ela permite que os alunos com altas habilidades/superdotação avancem na seriação escolar em seu tempo, ao promoverem-se academicamente e, por consequência, o desenvolvimento das áreas que ele mais domina (COLANGELO *et al.*, 2004; GUENTHER, 2009; MAIA-PINTO, 2012; ALMEIDA, OLIVEIRA, 2013; MCCLARTY, 2015).

Nos casos em que o aluno apresenta uma maior rapidez na aprendizagem comparativamente aos seus pares, a aceleração pode ser a medida educativa mais eficaz, pois, o conteúdo curricular das classes mais avançadas é mais apropriado e motivador para eles (OLIVEIRA, 2007). Para contemplar as diferentes situações, a aceleração é dividida em várias modalidades, sendo que a literatura aponta 18 tipos diferentes, que são distribuídos em duas categorias: aceleração por temporalidade e aceleração por conteúdo (COLANGELO *et al.*, 2004; GUENTHER, 2009). A aceleração por temporalidade tem o objetivo de adiantar o tempo escolar sem alterar o conteúdo curricular e a aceleração por conteúdo reorganiza o currículo escolar sem que necessariamente o aluno precise avançar na seriação, possibilitando que ele permaneça convivendo em sala de aula com seus colegas de mesma idade (COLANGELO *et al.*, 2004; GUENTHER, 2009).

Uma questão muito discutida a respeito da aceleração é quanto aos prejuízos emocionais e sociais do aluno acelerado vir a ter, gerando a crença de que será prejudicada socialmente, pois deixará de conviver com seus pares etários, suprimindo, assim, a sua infância. Essas informações trazem preocupação principalmente aos pais e/ou responsáveis (MAIA-PINTO, 2012; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2013). Porém, Colangelo *et al.* (2004) assinalam que não são evidenciados prejuízos socioemocionais em alunos acelerados um ou dois anos⁴, defendendo de forma incisiva a aceleração a eles como medida educacional.

Cabe ressaltar que entre as características comportamentais do aluno com altas habilidades/superdotação duas dizem respeito à maturidade socioemocional do aluno, o

⁴ Resolução SE-81 (SÃO PAULO, 2012) dispõe sobre o processo de aceleração de estudos para alunos com altas habilidades/superdotação.

“interesse no convívio com pessoas de nível intelectual similar; resolução rápida de dificuldades pessoais” (BRASIL, 2006, p. 15, grifo nosso).

No contexto legal brasileiro, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (BRASIL, 1996) orienta a aceleração de forma clara em seu Art. 24, prevendo a classificação em qualquer série ou etapa, exceto a primeira do ensino fundamental. O texto considera a aceleração desde que seja realizada uma avaliação pela escola com o objetivo de definir o nível de desenvolvimento em que o aluno está e, conseqüentemente, adequá-lo. Ainda, o Art. 59 dessa mesma Lei orienta os sistemas de ensino quanto à aceleração para alunos com altas habilidades/superdotação, e escreve de forma clara no parágrafo II “aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados (s.p)”.

Diante dessa prerrogativa, entende-se que os sistemas educacionais devem estar organizados para atender os educandos que tiverem condições de receberem essa garantia legal (RANGNI; COSTA, 2014).

No tocante à Educação Infantil⁵, trata-se da primeira etapa da educação básica, que atende crianças de 0 a 5 anos de idade. É um direito social afirmado na Constituição de 1988 e dever do Estado com a Educação (BRASIL, 2010). Apesar das garantias legais de aceleração na educação básica, observa-se uma contradição no que diz respeito à implementação dessa forma de atendimento na Educação Infantil.

O documento do Ministério da Educação (BRASIL, 2013) apresenta em seus objetivos esclarecer dúvidas sobre a Educação Infantil e dispõe sobre a aceleração em desacordo com a legislação vigente:

A educação infantil não trabalha com parâmetros de retenção (crianças com desenvolvimento julgado lento em relação a outras) e nem de aceleração (crianças julgadas como espertas ou “superdotadas”), espera-se que todas as crianças convivam com suas diferenças em seu grupo de idade e aprendam a partir daí (BRASIL, 2013, s/p, grifo nosso).

À vista desse conflito, as orientações sobre essa forma de atendimento para alunos com altas habilidades/superdotação, ao invés de guiar o processo, acabam por confundir quem busca por esclarecimento. Vale assinalar que é possível encontrar, desde a mais tenra idade, aqueles que apresentam características com indicativos de altas habilidades/superdotação. E, quando essas crianças são inseridas na escola, “essa discrepância entre nível de conhecimento e desafio da tarefa a ser realizada pode desmotivar e frustrar a criança gerando, muito frequentemente, conflitos com o professor” (MAIA-PINTO, 2012, p. 36).

⁵ O atendimento educacional especializado perpassa todos os níveis de ensino (BRASIL, 2008).

Martins (2013) recomenda à escola oferecer atenção às crianças que se destacam por potenciais, de forma a fornecer um ambiente escolar enriquecedor. No entanto, a citada autora ressalta que a aceleração em casos de crianças muito pequenas é possível, mas deve obedecer a alguns critérios e considerar que o ritmo de aprendizagem desses alunos é intenso. Ao serem inseridas em um ambiente de convívio com alunos mais velhos, elas dificilmente sofrerão no que diz respeito aos seus aspectos intelectuais. Contudo, cabe enfatizar a importância do acompanhamento das crianças aceleradas, verificando seu ajustamento emocional e social.

Para que as medidas educacionais as contemplem de forma significativa em suas necessidades, compreende-se que a gestão escolar é vital para que o trabalho educacional repercuta. Segundo Santos e Panhoca (2017) o gestor é aquele que atua na compreensão da situação que envolve o manejo de recursos, especialmente os cognitivos, bem como as relações interpessoais a partir de sua autoridade administrativa na estrutura organizacional da escola, além de ser o articulador entre as decisões tomadas em conjunto pela equipe escolar, família e comunidade.

Tendo essa conjuntura em tela, as questões que nortearam a presente pesquisa foram: qual conhecimento os gestores da educação infantil possuem sobre altas habilidades/superdotação? Eles conhecem e consideram a aceleração e suas modalidades para alunos com altas habilidades/superdotação? Na tentativa de respondê-las, o objetivo principal da pesquisa foi verificar e analisar a existência de conhecimento de gestores de escolas de educação infantil sobre a aceleração de alunos com altas habilidades/superdotação. Especificamente, objetivou verificar se os gestores conhecem as modalidades de aceleração para alunos com altas habilidades/superdotação; e averiguar se os gestores se demonstram favoráveis ou não quanto à aceleração.

Método

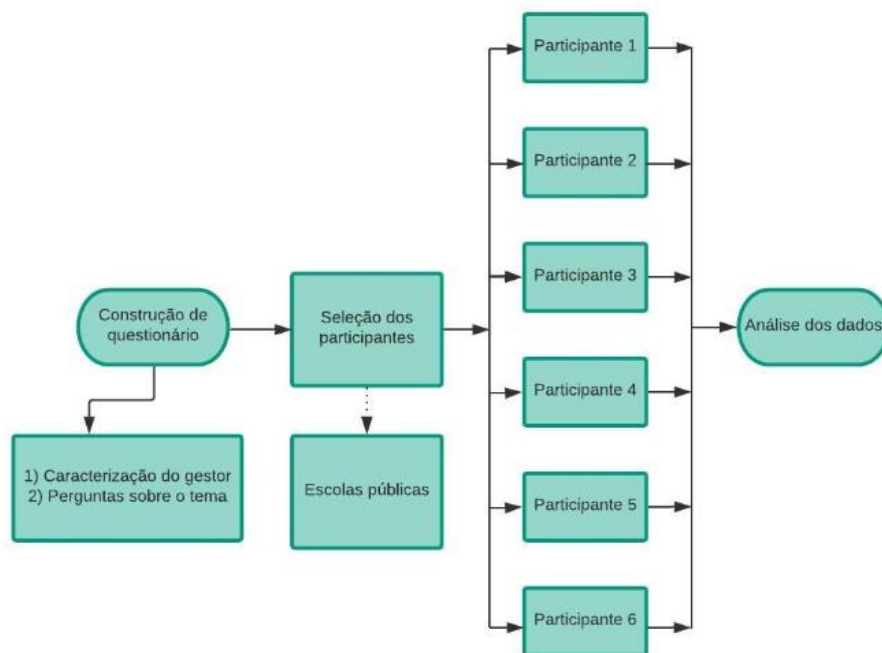
A metodologia científica aplicada ao presente estudo caracterizou-se como pesquisa descritiva, uma vez que seu objetivo principal foi levantar o nível de conhecimento de um determinado público, bem como sua opinião (GIL, 2002). De caráter qualitativo, esse tipo de investigação “analisa a informação de uma maneira indutiva”, pois “têm uma visão profunda e globalizante do ser humano e tentam captar a essência da experiência humana” (FLICK, 2009, p. 331-332).

Dessa forma, foram selecionados seis (06) gestores (um em cada escola), de escolas públicas, em dois municípios distintos (cidade de São Paulo e município do interior do estado de São Paulo) que atenderam aos seguintes critérios: serem gestores de escola de educação infantil e aceitar participar da pesquisa. Para preservar a identidade dos participantes, eles foram nomeados como P1, P2, P3, P4, P5 e P6. A coleta de dados foi realizada nos locais de trabalho (escolas) dos seis participantes.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário aplicado aos participantes com perguntas abertas e fechadas. O questionário foi dividido em duas partes. Na primeira parte as perguntas pautaram-se na caracterização do participante e na segunda continham nove questões sobre o tema. O caminho da pesquisa é ilustrado na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma de pesquisa

FIGURA 1: Fluxograma de pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

Resultados

A primeira parte do questionário foi pertinente à caracterização dos participantes, pode-se notar que todos eles são do sexo feminino e estão dentro de uma faixa etária que vai de 40 a

57 anos. Entre eles, quatro atuam no cargo de diretora da escola, uma é assistente de direção (vice-diretora) e uma é coordenadora pedagógica.

Observou-se que uma característica em comum entre as participantes é a graduação em Pedagogia, apesar de terem outras formações e especializações em diversas áreas, tais quais Psicopedagogia, Gestão Pedagógica, Educação Infantil e Economia. Não houve formação ou especialização na área de Educação Especial e todas trabalhavam na rede pública de ensino.

Em relação ao tempo de atuação na docência, a média de tempo de serviço em sala de aula foi de 17,5 anos, sendo que o menor tempo de atuação foi de cinco (05) anos, e o maior 27 anos. A média de atuação na gestão escolar foi de 15 anos, sendo que o menor tempo de atuação foi de nove (09) anos, e o maior de 30 anos.

As participantes responderam nove (09) perguntas que abordavam o tema altas habilidades/superdotação e suas respostas constam a seguir.

A primeira pergunta solicitava ao participante a definição do termo Altas Habilidades/Superdotação. Por se tratar de uma questão aberta e possivelmente poderia influenciar as demais respostas, elas foram descritas na íntegra.

Pergunta 1: Qual a sua definição para o termo Altas Habilidades/Superdotação?

Ao definirem o termo Altas Habilidades/Superdotação, as palavras raciocínio e desenvolvimento apareceram com maior frequência nas respostas, e estas estão destacadas a seguir.

*Altas habilidades/superdotação são características que os diferem do restante da população. Um **desenvolvimento diferente**, de certa forma mais inventivo, imaginativo. **Raciocínio** lógico matemático acelerado. Entretanto, pouca ou quase nenhuma concentração (P1)*

*Crianças ou pessoas que apresentam **desenvolvimento acima do esperado**, com respostas rápidas e soluções para tudo e não apresentam dificuldades na adaptação e dificuldade na aprendizagem (P2).*

São crianças que apresentam notável desempenho e sua potencialidade pode ser numa área de conhecimento específico ou vários aspectos combinados (P3)

É aquela criança que sai do padrão que a gente considera para a idade dela, e que apresenta, já, conhecimento em literatura, conhecimento de matemática diferenciado da faixa etária (P4)

*Altas habilidades/superdotação é a definição que temos para as crianças que apresentam **alto grau de desenvolvimento** diferenciando-se das demais. Costumamos “dizer” que a criança é superinteligente (P5)*

*São crianças com **raciocínio** e aprendizagens rápidos, curiosos, tendência a conviver com adultos, podem ter problemas de relacionamentos com outras crianças, além de expectativas de aprendizagens em sala de aula (P6).*

A resposta da P3 é a que mais se aproxima da conceituação adotada pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), que corrobora com a Teoria dos Três Anéis de Renzulli (2004, 2014a, 2014b). Outro aspecto evidenciado é a relação feita entre Altas Habilidades/Superdotação com o empenho apenas nas atividades acadêmicas: P1: “[...] Raciocínio lógico matemático acelerado”; P2: “[...] respostas rápidas e soluções para tudo e não apresentam dificuldades na adaptação e dificuldade na aprendizagem”; P4: “[...] apresenta, já, conhecimento em literatura, conhecimento de matemática, diferenciado da faixa etária”.

Para Renzulli (2004; 2014a) altas habilidades/superdotação acadêmica é supervalorizada na escola pelo fato de o aluno apresentar altos índices de desempenho em testes padronizados de inteligência, além de vencer o conteúdo acadêmico com mais facilidade e em menor tempo. Constatou-se que não foram apontados nas respostas aspectos que se relacionassem às altas habilidades/superdotação com outras áreas que, em muitos casos, não são evidenciados na escola como criatividade, liderança, psicomotricidade e artes (BRASIL, 2008).

Quanto aos aspectos comportamentais também foram indicados nas respostas. P2: “[...] não apresentam dificuldades na adaptação”; P4: “[...] é aquela criança que sai do padrão que a gente considera para a idade dela”; P6: “[...] tendência a conviver com adultos, podem ter problemas de relacionamentos com outras crianças”. Tais comportamentos dizem respeito à maturidade emocional do aluno, apresentados anteriormente. Ficou evidente nas respostas que os gestores concebem os alunos com potencial elevado que apresentem aspectos comportamentais diferentes aos seus pares etários medianos (FLEITH, 2007).

A próxima pergunta pautou-se nos procedimentos de identificação do aluno com altas habilidades/superdotação. O objetivo foi identificar se o gestor conhece tais procedimentos. A identificação dos alunos com Altas Habilidades/Superdotação é um dos grandes desafios da educação, pois, é por meio dela que serão oferecidas as oportunidades para o desenvolvimento pessoal e para a aprendizagem desses educandos (BRASIL, 2006).

Pergunta 2: Você conhece os procedimentos para identificar um aluno (a) com Altas Habilidades/Superdotação. Se sim, qual?

Três (03) participantes, ou seja 50% do total, não conheciam nenhum tipo de procedimento de identificação desse público. Esses dados preocupam, visto que “estudos

estatísticos indicam que aproximadamente 3 a 5% da população apresentam potencial acima da média estimada, em diversos contextos sociais” (BRASIL, 2006, p. 19). Quanto às que responderam conhecer os procedimentos, suas respostas pautaram-se na observação e avaliação por testes. Entende-se que o professor, em sala de aula, realize a observação sistemática, prolongada e qualitativa das expressões de habilidades, desempenhos e aptidões, desse modo, é possível desenvolver o processo de aprendizagem e, também, a qualidade das relações sociais dos alunos.

O processo de identificação do aluno com altas habilidades/superdotação deve basear-se em suas necessidades educacionais, na utilização de várias fontes de coletas de dados (entrevistas, sondagens de seu desempenho, análises de suas produções, etc.), no conhecimento das características específicas do aluno e do desenvolvimento humano segundo as faixas etárias, além de contar com a participação da família (BRASIL, 2006).

Também, foi elaborada uma questão fechada, de forma que o participante assinalasse sim ou não como resposta.

Pergunta 3: Há alunos com Altas Habilidades/Superdotação na escola em que você trabalha?

Todas as participantes responderam “não”, indicando que nas escolas onde trabalhavam não havia alunos com altas habilidades/superdotação a partir de seus conhecimentos. As respostas negativas dos gestores implicaram em não responder a próxima questão, pois esta foi pensada para escolas que têm alunos com altas habilidades/superdotação identificados. A pergunta foi a seguinte: Pergunta 4: Se sim, quais as ações realizadas para atender as necessidades educacionais especiais desses alunos (as)? Duas participantes utilizaram o espaço para expor suas ideias sobre a questão. As respostas foram descritas na íntegra.

Não há crianças com superdotação ou altas habilidades. O que há muito são pais/responsáveis que classificam seus filhos como superdotados (P1).

Nós tivemos um caso no começo do ano que a mãe dizia que essa criança (era superdotada). Ela estava numa Fase 4 mas a mãe queria a possibilidade de passarmos ele para a Fase 5. Mas não chegamos a avaliar porque a mãe não queria que ele passasse por avaliação. Se a criança passar por uma avaliação e estiver de acordo, nós vamos mudar ela de faixa etária (série), de acordo com o que ela apresentar (P4).

Notou-se uma similaridade entre as duas respostas das participantes. Nos dois casos a família aparece como fator crucial na indicação. Salienta-se a colocação da P4 sobre uma família que não permitiu a avaliação da criança e P1 fez uma colocação estigmatizada do aluno

com altas habilidades/superdotação quando disse: “pais/responsáveis que classificam seus filhos como superdotados”. Esse pode ser considerado um mito o do pai condutor, isto é, quando o pai (ou responsável) pode super estimular o filho e, assim, produzir um superdotado (PEDRO; OGEDA; CHACON, 2017). A esse respeito, a publicação de Brasil (2006b, p. 21) orienta: “Quando alguns sinais começam ser percebidos pela família, a escola e/ou professor devem observar a criança atentamente e realizar um acompanhamento permanente”.

Outro fato que chamou a atenção na resposta da gestora foi: “não há crianças com superdotação ou altas habilidades”. Devemos lembrar que, assim como citado anteriormente, dados estatísticos apontam para um percentual mínimo de 3 a 5% da população que possuem altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2006b). Acredita-se que a falta de informação e os mitos que permeiam esse público impedem a identificação e, conseqüentemente, o atendimento adequado (RECH; FREITAS, 2006).

As questões subseqüentes referem-se aos procedimentos para o atendimento aos alunos com altas habilidades/superdotação no âmbito escolar.

Pergunta 5: O que você entende por Aceleração?

Aceleração são planejamentos e ações que desafiem os educandos com atividades prazerosas e estimulantes (P1).

A própria palavra já está dizendo, acelerar não havendo interrupção (P2).

É um programa compensatório, que visa corrigir a defasagem em relação idade/série (P3).

Seria muda-lo de faixa etária (série) e acordo com a avaliação. Por exemplo, passou por uma avaliação e ele está pronto para uma Fase 5 ou 6, vou transferi-lo para essa fase (P4).

Quando a criança de uma fase é avaliada como superdotada é possível coloca-las em fases mais adiantadas, que supõe-se estar a seu nível de desenvolvimento (P5).

A participante P6 não soube responder à questão.

A maioria das respostas, P1, P4 e P5, foram com base na aceleração por temporalidade (COLANGELO *et al.*, 2004; GUENTHER, 2009). Assim, como citado por Guenther (2009), muitos confundem aceleração para alunos com altos potenciais com a reclassificação, que visa diminuir a evasão escolar nos casos de fracasso acadêmico, sendo evidente na resposta da P3 ao reproduzir a ideia de que a aceleração é um programa destinado a corrigir a discrepância idade/série de alunos em defasagem.

Em continuidade aos questionamentos sobre o conhecimento das gestoras, lhes foi indagado que:

Pergunta 6: Quais os tipos de aceleração que você conhece?

Nota-se com as respostas dadas pelas gestoras não indicam os tipos de aceleração por conteúdo e/ou por temporalidade, de acordo com o que aponta a literatura (COLANGELO *et al.*, 2004, GUENTHER, 2009). Além do mais, quando questionadas, na pergunta cinco sobre o que entendem por aceleração, as respostas vão ao encontro à aceleração por temporalidade, especificamente sobre o avanço de série. As participantes P2, P4 e P5 responderam que conhecem a aceleração por série, em que o aluno é promovido a série seguinte.

As respostas de P1 e P3 divergiram das demais, pois, indicaram procedimentos específicos, porém não aprofundaram as respostas.

Conheci a aceleração desenvolvida pelo Estado de São Paulo. Não aprovo. Classe homogênea, alunos sem estímulos e professores sem preparo (P1).

As classes instituídas pelo MEC que propõe número reduzido de alunos, com mais recursos pedagógicos e professores especializados (P3)

A participante P6 não respondeu à questão.

Foi possível notar que, apesar da pouca informação apresentada sobre o tema, os procedimentos apontados pelas participantes P1 e P3 não condizem com a aceleração da forma citada pela LDBEN, artigo 59.

Pergunta 7: Em sua opinião, a aceleração nos casos de alunos com altas habilidades/superdotação é recomendável? Justifique:

A partir das respostas, notou-se que a aceleração é vista de forma favorável pelas gestoras, porém, alguns aspectos foram ponderados. O primeiro foi sobre a desmotivação que pode gerar no aluno caso lhe seja negado o atendimento adequado. De fato, o aluno pode sentir-se frustrado em um ambiente que não condiz com sua condição (FLEITH, 2007).

Para P3 “É importante também uma legislação mais clara sobre o assunto”. A aceleração de ensino é assegurada pela legislação educacional, mas segundo Maia-Pinto (2012, p. 66) “há pouco em termos de explicação ou orientação sobre essa prática”. A autora complementa dizendo que no âmbito municipal e estadual é comum reproduzir as orientações federais, já que são quase inexistentes as leis que regulamentam ações desse tipo, ficando a cargo da escola definir as formas de cumprir a leis nesses casos.

As respostas das participantes P1 e P2 refletem a importância do engajamento do gestor em casos específicos. É possível verificar que P1 responde da seguinte forma: “Deve ser

aplicada, mas requer muito preparo, estudo e tempo da nossa parte”; e P2: “Deve haver aceleração, mas não sei como proceder nestes casos. Assim, como citado por Santos e Panhoca (2017) cabe ao gestor escolar a compreensão e atuação nos processos de ensino.

Conseqüentemente, a próxima pergunta questiona os participantes sobre os procedimentos para colocar em prática a aceleração.

A pergunta 8 questionou as participantes sobre os procedimentos da aceleração: Você conhece os procedimentos e/ou tramitações para a aceleração de alunos (as) com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação? Todas elas responderam que não conheciam os procedimentos e tramitações para a aceleração, e caso surgissem na escola procurariam ajuda na Secretaria de Educação.

Pergunta 9: Em sua atuação você vivenciou algum caso de aceleração de aluno (a) com altas habilidades/superdotação?

Para finalizar, os participantes responderam se já vivenciaram algum caso de aceleração de aluno (a) com altas habilidades/superdotação durante sua atuação na docência e na gestão escolar. Todas as participantes responderam que não passaram por tal experiência. Maia e Fleith (2013) afirmam que, crenças infundadas e estereotipadas sobre os alunos com altas habilidades/superdotação percorrem os ambientes escolares e impedem movimentos que os favoreça, assim é recomendável divulgação do tema nas escolas.

Percebeu-se nas respostas às perguntas oito e nove, o desconhecimento ou mesmo a falta de esclarecimento sobre a temática da aceleração para alunos com altas habilidades/superdotação das gestoras participantes. A esse respeito, Guenther (2009) afirma que ainda prepondera, entre os educadores, que a aceleração apenas ocorre para corrigir defasagem idade/série.

Considerações finais

A pesquisa objetivou verificar e analisar a existência de conhecimento de gestores da educação infantil sobre aceleração para alunos com altas habilidades/superdotação, considerando seu conhecimento sobre a aceleração.

Por meio das questões que nortearam o estudo, considera-se que:

Qual conhecimento os gestores da educação infantil possuem sobre altas habilidades/superdotação?

O conceito de altas habilidades/superdotação é relacionado pelos participantes como sendo inerente ao desenvolvimento e raciocínio. De fato, tais características podem ser indicativas de altas habilidades/superdotação, no entanto, fatores importantes como a liderança e o comprometimento com a tarefa não foram indicados.

- a) Se os gestores conhecem e consideram a aceleração e suas modalidades para alunos com altas habilidades/superdotação?

As modalidades de aceleração, divididas em temporalidade e conteúdo, não foram indicadas. Ficou explícito que a aceleração na visão dos gestores está pautada apenas no avanço de série. Ainda, o ínfimo conhecimento sobre o tema nos ambientes escolares ficou evidenciado, visto que as respostas demonstraram um entendimento insatisfatório no tocante à aceleração para alunos que se destacam por seus potenciais.

Diante dos resultados obtidos, sugere-se que medidas de formação sobre a temática das altas habilidades/superdotação tomem lugar em cursos de formação inicial e continuada e que mais estudos ocorram como forma de contribuição para incluir, de fato, essa especificidade entre os alunos da Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. S.; FLEITH, D. de S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2. ed. São Paulo: EPU, 194., 2001.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2019.

BRASIL. **Saberes e Práticas da Inclusão**. Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação. Brasília: Ministério da Educação, SEESP, 2. ed., 143 p., 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashabilidades.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRASIL. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**, de 7 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2019.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 36 p., 2010. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRASIL. **Dúvidas mais frequentes sobre a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Infantil, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=8169-duvidas-mais-frequentes-relacao-educacao-infantil-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 nov. 2018.

COLANGELO, N.; ASSOULINE, S. G.; GROSS, M. U. M. (Ends.). **A nation deceived: How schools hold back American's brightest students** (Vol. I.) Iowa, IA: The Connie Belin & Jacqueline N. Blank International Center for Gifted Education and Talented Development. 2004. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED535137.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

FLEITH, D. S. Altas habilidades e desenvolvimento socioemocional. In: FLEITH, D. S.; ALENCAR, E. M. L. S. (Orgs.) **Desenvolvimento de talentos e altas habilidades**. Orientação para pais e professores. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 408 p., 2009.

GIL, A. C. Como classificar as pesquisas. In: GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, p. 41-57, 2002.

GUENTHER, Z. C. Aceleração, ritmo de produção e trajetória escolar: desenvolvendo o talento acadêmico. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 22, n. 35, p. 281-298, set./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/viewFile/810/554>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MACCLARTY, K. L. Life in the fast lane: Effects of early grade acceleration on high school and college outcomes. **Gifted Child Quarterly**, Vol. 59, No. 1, January 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0016986214559595>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MAIA-PINTO, R. R. **Aceleração de ensino na educação infantil: Percepção de alunos superdotados, mães e professores**. 2012. 153 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, UnB, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11225/1/2012_RenataRodriguesMaiaPinto.pdf. Acesso em: 12 mar. 2018.

MAIA-PINTO, R. R.; FLEITH, S. D. Aceleração de ensino na Educação Infantil: um estudo de caso de um aluno superdotado. In: MAIA-PINTO, R. R.; FLEITH, S. D. (orgs.) **Superdotados. Trajetórias de desenvolvimento e realizações**. Curitiba: Juruá, p. 143-154, 2013.

MARTINS, B. A. **Alunos precoces com indicadores de altas habilidades/superdotação no Ensino Fundamental I: Identificação e situações (des)favoráveis em sala de aula.** 2013. 239 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/91210>. Acesso em: 12 mar. 2018.

OLIVEIRA, E. P. L. **Alunos sobredotados: a aceleração escolar como resposta educativa.** 2007. 278 p. Tese (Doutorado). Especialização de Psicologia da Educação. Universidade do Minho, Portugal, 2007. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7081?mode=full>. Acesso em: 12 mar. 2018.

OLIVEIRA, E. P.; ALMEIDA, L. S. Aceleração escolar em Portugal: relatos de insatisfação e críticas pelos pais. *In: FLEITH, D. S.; ALENCAR, E. M. L. S. (Orgs.). Superdotados. Trajetórias de desenvolvimento e realizações.* Curitiba: Juruá, 230 p., 2013.

PEDRO, K. M.; OGEDA, C. M. M.; CHACON, M. C. M. Verdadeiro ou falso? Uma análise dos mitos que permeiam a temática das altas habilidades/superdotação. **Revista Educação e Emancipação**, v. 10, n. 3, set./dez., 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/7718>. Acesso em: 14 mar. 2019.

POCINHO, M. Superdotação: Conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa. **Revista Brasileira Educação Especial**, Marília, v. 15, n.1, p. 3-14, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v15n1/02.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

RECH, A. J. D.; FREITAS, S. N. Uma revisão bibliográfica sobre os mitos que envolvem as pessoas com altas habilidades. *In: FREITAS, S. N. (Org.) Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas.* Santa Maria: Editoraufsm, p. 61-87, 2006.

RENZULLI, J. S. O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação, e Como a Desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação em Revista**, Porto Alegre, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/papah/o-que-e-esta-coisa-chamada-superdotacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2018.

RENZULLI, J. S. A concepção da superdotação no modelo dos três anéis: Um modelo de desenvolvimento para a promoção da produtividade criativa. *In: VIRGOLIM, A. M. R.; KONKIEWITZ, E. C. Org.(s). Altas Habilidades/Superdotação, Inteligência e Criatividade: uma visão multidisciplinar.* Campinas, SP: Papirus, p. 219-264, 2014a.

RENZULLI, J. S. Modelo de enriquecimento para toda a escola: Um plano abrangente para o desenvolvimento de talentos e superdotação. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 27, n. 50, p. 539-562, set./dez. 2014b. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14676>. Acesso em: 16 ago. 2018.

SANTOS. D. M.; PANHOCA, I. Gestão Escolar e a Política Nacional de Educação Especial: As barreiras para a implementação de uma política pública. **Revista Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. 2, nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/10171/7031>. Acesso em: 05 out. 2018.

SÃO PAULO. **Resolução SE-81, de 7 de agosto de 2012.** Dispõe sobre o processo de aceleração de estudos para alunos com altas habilidades/superdotação na rede estadual de ensino e dá providências correlatas. Disponível em: http://cape.edunet.sp.gov.br/cape_arquivos/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20SE.pdf. Acesso em: 27 out. 2018.

Como referenciar esse artigo:

BRAZ, Paula Paulino; RANGNI, Rosemeire de Araújo. Conhecimento de gestores da educação infantil sobre aceleração para alunos com altas habilidades/superdotação. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 23, n. 3, 576-591, set./dez., 2019. E-ISSN: 1519-9029. DOI: 10.22633/rpge.v23i3.12645

Submetido em: 06/06/2019

Revisões requeridas: 08/07/2019

Aprovado em: 31/07/2019

Publicado em: 15/08/2019